

Bibliotecas especializadas, Centros de Documentação, Centros de Análise da Informação: apenas uma questão de terminologia?

Special Libraries, Documentation Center, Information Analysis Center: a question of terminology?

MARIA AUGUSTA DA NÓBREGA CESARINO *

As características básicas dos sistemas de informação. A evolução da terminologia adotada para representar os diversos sistemas de informação. Comparação entre a biblioteca especializada, os centros de documentação e os centros de análise da informação. Uma nova visão dos sistemas de informação e as implicações para a profissão de bibliotecário no Brasil

1. INTRODUÇÃO

Como o desenvolvimento científico e tecnológico ultrapassa fronteiras geográficas, a absorção de seus resultados por países de contexto sócio-cultural diferente da fonte onde se originou este desenvolvimento traz, como conse-

* Professora da Escola de Biblioteconomia da UFMG

qüência, a dependência a uma literatura alienígena e a importação de uma nova terminologia.

A biblioteconomia brasileira, como outras disciplinas e ciências, é marcadamente de influência norte-americana, que lhe moldou as principais características. Longo tempo se passou sem que os profissionais da área se preocupassem sequer em adaptá-la às necessidades reais da cultura brasileira.

Em 1963, quando Alvin M. Weinberg publicou, nos Estados Unidos, o relatório sobre «Ciência, Governo e Informação», onde enfatiza a criação de centros especializados na análise de informação e os caracteriza como instituições técnicas, distintas de bibliotecas técnicas, pois nela devem trabalhar cientistas e pesquisadores encarregados de criar uma nova informação, vários fatos foram desencadeados:

- a proliferação desses centros;
- o uso corrente do novo termo que foi acrescentado a muitos outros já existentes;
- o aparecimento de vários artigos em periódicos de biblioteconomia discutindo as diferenças e relações entre bibliotecas e centros de informação;
- o fortalecimento da idéia de duas profissões distintas na área de tratamento da informação: o cientista da informação e o bibliotecário especializado.

Os bibliotecários americanos que já haviam adotado uma proposta de formação profissional com dupla qualificação — formação em biblioteconomia, após a especialização em determinado campo de conhecimento —, viram reforçada a validade deste modelo. Afinal, como comentou o Prof. Harvard-Williams ao analisar a falta de espe-

cialização do bibliotecário brasileiro: «...dupla qualificação não é somente uma questão de ter conhecimentos, mas uma questão de poder dialogar com os leitores na linguagem de suas especializações, e, até mesmo, de assumir atitudes similares» (9).

É certo que, mesmo nos Estados Unidos e Inglaterra, ainda permanece uma grande ambigüidade em relação aos termos usados para denominar os diversos tipos de serviços de informação ou, como querem alguns, o mesmo tipo de serviço executado em diversos níveis. Duas correntes existem: aquela que defende a idéia de que não há uma divisão real entre a biblioteconomia, documentação e ciência da informação e, por conseguinte, a distinção entre biblioteca especializada, centros de documentação e centros de informação é mera questão de grau, e a corrente contrária, representada sobretudo por especialistas no assunto e técnicos que lidam com o tratamento eletrônico da informação, e que sustentam a tese de duas profissões distintas, exercidas em instituições diferentes, que podem e devem manter um relacionamento estreito, embora tal fato não as iguale.

Esta preocupação em conceituar e definir a própria profissão, expressa no livro de Pierce Butler e comentada pelo presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia do Brasil: «... Assim, infelizmente pouco ou quase nada se tem feito no estudo da problemática bibliotecária como um todo, numa ação introspectiva, quase filosófica. Inexplicavelmente, diferente de seus colegas de outros campos de atividade social, o bibliotecário é estranhamente desinteressado dos aspectos teóricos de sua profissão. /.../ o bibliotecário permanece isolado na simplicidade do seu pragmatismo: uma racionalização de cada processo técnico imediato, tomado isoladamente, parece satisfazer seu interesse intelectual. Na verdade, qualquer esforço para generalizar tais racionalizações na tentativa de compor

uma filosofia profissional parece-lhe não apenas inútil mas definitivamente perigoso. /.../ Raros são os trabalhos sobre Biblioteconomia em que o autor se preocupa com as implicações sociais da profissão e suas interfaces com o ritmo de desenvolvimento econômico que o país atravessa» (4).

Pois bem, qual tem sido a reação do bibliotecário brasileiro às modificações nos sistemas de informação científica e tecnológica, pressionados pelo número incalculável de publicações, pela fragmentação da ciência em diversos campos, pela complexidade das informações, pela dificuldade em localizá-las, pela diversidade de línguas em que são produzidas, pelas novas exigências dos usuários, aturdidos pela difícil tarefa de selecionar o melhor entre tantos e de lutar contra o tempo, pelas novas possibilidades oferecidas pelos modernos equipamentos técnicos?

A primeira vista, parece que houve poucas alterações substanciais. Procurou-se uma modernização de terminologia e, mais uma vez, impressionados com as inovações tecnológicas, os cursos de biblioteconomia desdobraram seus currículos de modo a acolher os detalhes dos modernos processos técnicos e dos milagrosos equipamentos mecânicos e eletrônicos que resolveriam o problema da informação.

Em 1972, quando foi criada a primeira revista brasileira de biblioteconomia, a da Universidade Federal de Minas Gerais, esta se propôs ser um instrumento que ajudasse na emancipação da biblioteconomia nacional que, até então, dependia exclusivamente de uma bibliografia técnica importada. Seria um veículo de divulgação das pesquisas, experiências, estudos realizados nas diversas regiões do Brasil. Outros periódicos vieram após, pretendendo alcançar o mesmo objetivo.

A análise desses periódicos mostra que a preocupação preponderante tem sido com os sistemas de informa-

ção especializada, o que é um fato normal, por ter sido esta a faixa do mercado de trabalho que mais cresceu, em face do desenvolvimento técnico e industrial do país. Pesquisas recentes mostram que a maior parte dos bibliotecários está trabalhando em bibliotecas especializadas, centros ou serviços de informação.

Bibliotecários brasileiros falam e escrevem sobre centros de documentação, centros e serviços de informação. Falam também na carência de recursos humanos adequados para estas instituições.

Entretanto, não encontramos na literatura nacional uma conceituação dessas instituições.

Terão características distintas das bibliotecas? Isso implicará numa modificação na formação de pessoal especializado para trabalhar em seus quadros? Será esta nova terminologia apenas uma tentativa de melhor vender um «produto», visto que o termo biblioteca apresenta a conotação de uma instituição passiva, enquanto que palavras relacionadas com «informação» sugerem algo mais dinâmico e impressionam mais? Ou será a abertura de mercado a profissionais de outras áreas, como já vem ocorrendo, uma vez que a lei número 4 084, que dispõe sobre o exercício legal da profissão, só se refere a biblioteca?

Em vários encontros de professores de biblioteconomia, tem-se repetido a afirmativa de que investigações sobre a natureza de biblioteconomia, o conhecimento da realidade nacional e a definição clara de objetivos na formação do profissional deveriam preceder e fundamentar a elaboração e/ou revisão de qualquer currículo.

Quais serão os objetivos? Estará havendo uma adequação entre esses objetivos, o profissional que é formado e as exigências do mercado?

Nossa preocupação, nesse trabalho, era, inicialmente, definir objetivos que pudessem contribuir para melhor compreensão da biblioteconomia no Brasil.

Estes objetivos visavam:

- caracterizar todas as instituições ligadas à informação — sejam bibliotecas, centros de documentação, centros referenciais, etc. — como um sistema aberto que sofre influências do meio ambiente e precisa se adaptar a ele para sobreviver;
- mostrar a evolução histórica dos diferentes termos designativos dos sistemas de informação como uma decorrência das alterações no meio ambiente;
- apresentar as variáveis que devem ser estudadas ao se tentar comparar os diferentes tipos de instituições;
- analisar a adequação do ensino de biblioteconomia às novas características dos sistemas de informação.

Dada a amplitude desses objetivos, foi possível apenas levantar alguns tópicos a respeito de cada item. Entretanto, fica a sugestão para que sejam feitos estudos adicionais.

2 SISTEMAS DE INFORMAÇÃO

2.1. Características básicas

Qualquer organização que serve como fonte intermediária entre o produtor e o consumidor da informação técnica ou científica — organização aqui entendida como uma unidade social que procura atingir ao objetivo específico de atender às necessidades de informação de determinada clientela, e portanto estruturada em função deste objetivo — é um sistema de informação aberto, seja lá qual for o nome que tenha (fig. 1 e fig. 2).

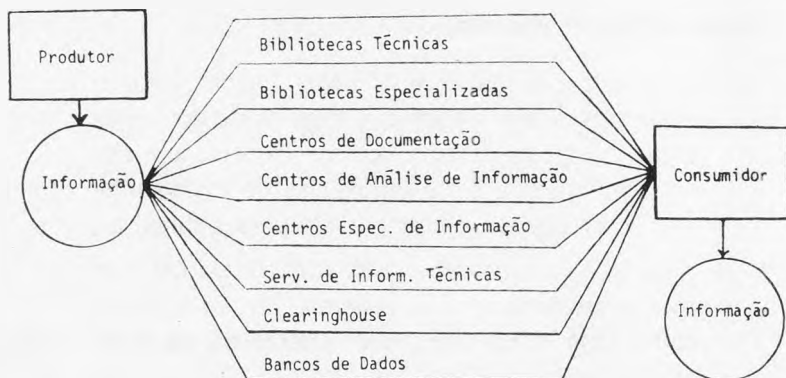


FIG. 1 — Fontes intermediárias de informação

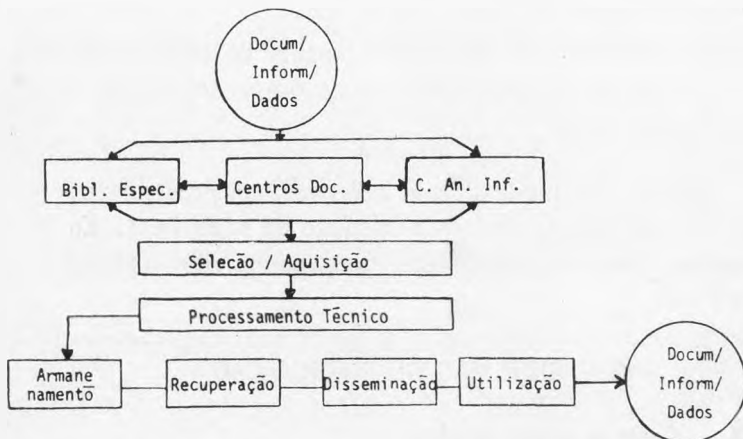


FIG. 2 — O processo de transferência da informação.

Um sistema de informação é «uma entidade composta de partes interrelacionadas que formam um todo (complexo, coerente, unitário) realizando um conjunto de relações entre os objetos e seus atributos, para atingir determinada finalidade» (1).

Os objetivos representam os parâmetros do sistema e são: entrada, processo, saída, retroalimentação e restrições.

Os atributos são as propriedades dos parâmetros, a manifestação externa ou a maneira pela qual o objeto é conhecido. Por exemplo: qualquer coisa que expresse uma unidade de medida ou quantidade de rendimento. Muitos dos objetos dos sistema de informação não são passíveis de uma verificação quantitativa: é muito difícil medir o valor de uma informação.

Relações são os laços que ligam os objetos e atributos no processo do sistema. Estas relações efetuam-se entre:

- o sistema e o ambiente externo ao sistema;
- elementos do próprio sistema;
- o sistema e seus subsistemas;
- dois ou mais subsistemas.

Se pensarmos no processo global de transferência da informação como um sistema maior ou macro-sistema, as demais organizações — bibliotecas e centros — passam a ser subsistemas daquele. Como subsistemas há uma troca de relações entre eles, sendo que todos exercem influência e são influenciados pelo ambiente externo (contexto) que lhes impõe restrições e alterações.

Entre os elementos de entrada de um sistema de informação temos:

- os diversos tipos de informação, seja primária ou secundária, formal (documentos gráficos ou não gráficos e dados) ou informal;
- o diagnóstico da situação;
- as necessidades do usuário;
- o comportamento do usuário;
- os recursos humanos;
- os recursos financeiros;
- os recursos materiais;
- os recursos tecnológicos.

Entre os elementos da unidade de processamento temos:

- a própria estrutura interna que deve ser adequada aos objetivos do sistema;
- as tarefas que são executadas para processar os insumos e que podem ser englobadas em: seleção e aquisição, processamento (catalogação, classificação, indexação e resumo) armazenagem no formato original ou codificado, recuperação e disseminação, análise e avaliação;
- métodos e processos utilizados na execução dessas tarefas.

Elementos de saída de um sistema:

O produto final pode ser representado por bens e serviços, tais como:

- empréstimo e circulação de documentos;
- pesquisas bibliográficas retrospectivas;
- respostas a questões específicas;
- reprodução de documentos;
- traduções;
- levantamento de dados;
- serviço de notificação corrente;
- serviço de disseminação seletiva da informação;
- revisão de literatura;
- estudos sobre o estado atual da literatura;
- compilação crítica e avaliativa de dados.

A retroalimentação é o processo que, através de manutenção contínua, facilita a avaliação e indica as deficiências, propondo alterações no sistema. Este processo está diretamente vinculado ao ambiente externo onde atua o sistema de informação.

O produto final do sistema de informação só pode ser considerado bom enquanto satisfaz às necessidades do usuário. Este é o principal marco de referência para avaliação e controle do sistema.

O ambiente externo é da maior importância, uma vez que sendo considerado uma unidade social para prestar serviços a uma comunidade, o sistema só será legitimado por ela. Sistemas de informação não atuam para satisfação própria nem podem sobreviver isoladamente.

São fatores do ambiente externo que influenciam o sistema de informação e podem ser influenciados por ele:

- as características do usuário;
- as características políticas, econômicas, culturais e técnicas da comunidade a que serve, seja ela uma universidade, uma indústria, um instituto de pesquisa, ou qualquer órgão público ou privado;
- as mesmas características políticas, econômicas, sócio-culturais e tecnológicas, em plano nacional;
- o estado de desenvolvimento da área científica ou tecnológica em que atua o sistema de informação, com suas características próprias em relação ao mecanismo de produção, transferência e utilização da informação. Embora o ciclo da informação seja em essência o mesmo em qualquer área do conhecimento, há uma série de variações próprias de cada campo. Por exemplo, estudos sobre usuários mostram que há diferenças entre o comportamento de um cientista desenvolvendo uma pesquisa pura, um engenheiro preocupado em resolver um problema técnico e um administrador tomando uma decisão política.

2.2. Evolução histórica de sua terminologia

Em períodos de transição acompanhados de grande desenvolvimento científico e tecnológico, os sistemas de

informação sofrem profundas alterações, inclusive semânticas.

Nestes últimos períodos de transição, os bibliotecários permitiram que se estreitassem os limites intelectuais de sua profissão, por não terem tido sensibilidade suficiente para perceber as novas exigências dos usuários, nem criatividade bastante para desenvolver processos e sistemas mais eficientes no tratamento das informações que apareciam aos borbotões e não mais sob a forma do tradicional livro.

J. M. Klempner (14), em seu artigo sobre os centros de informação e a educação do bibliotecário, nos lembra que quando a sociedade necessita de um determinado serviço — no caso da informação — este, seguramente será providenciado. Entretanto, aos membros dessa sociedade, é indiferente o fato de que tal serviço seja oferecido por uma instituição denominada biblioteca especializada, centro de documentação ou centro de análise da informação. Se os últimos foram criados, mesmo sendo conhecida a existência dos primeiros, não é que a sociedade não gostasse do nome «biblioteca», é porque esta, realmente, não estava mais atendendo aos seus objetivos.

Quem acompanha a história das bibliotecas vê que, por longo tempo, os bibliotecários não estavam empenhados em dominar a técnica, visto que as coleções eram bem menores, mas como eruditos, conheciam a fundo o conteúdo dos documentos pelos quais zelavam. Aos poucos, esse caráter da profissão foi mudando.

No início do século XX, alguns cientistas, insatisfeitos com o caos documentário criaram uma nova disciplina: a documentação, uma nova profissão: a de documentalista e, em consequência surgiram os centros de documentação, com o objetivo de tratar da informação especializada, produzida sob outra forma documentária que não o livro, objetivo este negligenciado pelos bibliotecários. A preo-

cupação desses especialistas era apresentar serviços mais dinâmicos, ampliar o conceito de documento, abrangendo, além do livro, periódicos, micro-filmes e materiais especiais, e principalmente, aprofundar a análise de assunto.

Algum tempo depois o termo documentação, devido à ambigüidade, foi substituído pelo termo informação, e a nova profissão ganhou outros rótulos: ciência da informação / cientista da informação / centros de informação.

Já em 1915, Ethel M. Johnson, ao escrever sobre o papel das bibliotecas especializadas, fez a distinção, depois tão salientada no relatório Weinberg, entre documento e informação, dizendo que enquanto a principal função de uma biblioteca geral era facilitar o acesso aos livros, a função da biblioteca especializada era facilitar o acesso à informação.

A biblioteca ignorou essa função durante muito tempo. Na realidade, ela correspondia exatamente àquela imagem de instituição passiva, ocupada em desenvolver uma boa coleção de livros, alguns periódicos, e atender aos pedidos dos leitores, quando solicitada.

Foi no campo da pesquisa científica e industrial que os serviços de informação inicialmente se desenvolveram, para desempenhar uma nova função: a de proporcionar informações aos pesquisadores, antes que eles a pedissem, isto é, não só reunir mas também disseminar informações. De fato, as condições sociais propícias ao aparecimento dessa nova função surgiram nas instituições de pesquisa ligadas à indústria.

D. J. Foskett (7) explica bem quais foram estas condições:

- o grande aumento do número de publicações;
- o caráter da pesquisa científica como descoberta de fatos;
- a aplicação da pesquisa científica à indústria, onde a abordagem da ciência se concentra sobre-

tudo na solução de problemas específicos, e onde o cientista não é pago para descobrir um fato já conhecido e publicado. Tudo isso, aliado ao fato de que a pesquisa bibliográfica é menos dispendiosa do que a pesquisa de laboratório, conduziu à criação dos «serviços de informação», onde um elemento que conhecesse bem o trabalho de pesquisador, e pudesse dialogar com ele, teria a função de organizar um acervo de informações úteis, servindo como elo de ligação entre o laboratório e a biblioteca.

O desenvolvimento desses primeiros centros foi lento até a década de 40, quando então sofreu um considerável aumento, principalmente nos Estados Unidos, onde, em função da guerra, métodos e equipamentos sofisticados de recuperação da informação haviam sido desenvolvidos. Um fenômeno paralelo que ocorreu foi o fato de que muitas instituições, executando os serviços mais tradicionais de biblioteca, passaram a se denominar centros de documentação ou centros de informações técnicas.

Atualmente, mais de dezoito termos foram encontrados na literatura especializada para designar sistemas de informação similares. Alguns desses são bem ambíguos ou muito gerais, como, por exemplo, os próprios termos «sistemas de informação» e «serviço de informação», ambos de uso bem difundido, pois, na realidade, todas as instituições com as características que apresentamos aqui são «sistemas de informação» com o objetivo de prestar «serviços de informação».

O termo «sistema de informação» é muito empregado também, e de forma mais apropriada, para designar uma rede composta de várias unidades de informação, que seriam, no caso, os subsistemas.

Os termos mais usados podem ser agrupados em seis categorias:

1. bibliotecas especializadas / bibliotecas técnicas / bibliotecas de pesquisa;
2. centros de documentação / centros de informação / serviços de informação;
3. centros de análise da informação / centros especializados de informação;
4. banco de dados / centros especializados de dados;
5. centros ou serviços de disseminação da informação;
6. clearinghouse e centros referenciais (referral center).

Destas categorias, vamos analisar mais detidamente as três primeiras uma vez que foram as que mais encontraram penetração no Brasil e apresentam características similares.

As definições para bibliotecas especializadas e centros de documentação são muito semelhantes. Ambos são considerados como unidades pertencentes a instituições governamentais, particulares ou associações formalmente organizadas com o objetivo de fornecer ao usuário a informação relevante de que ele necessita, em um campo específico de assunto. Para atingir esse objetivo, são executadas as tarefas de seleção e aquisição, processamento técnico e disseminação da informação.

Embora «centro de documentação» seja um dos termos mais usados no Brasil, na literatura norte americana e inglesa ele é raramente encontrado, tendo sido substituído por «centro de informação».

A expressão «centro de análise da informação» foi criada para enfatizar a função avaliativa, que é a de apre-

sentar ao usuário não o documento que contém a informação, mas a própria informação, já analisada, avaliada como relevante e sintetizada.

A idéia de A. Weinberg é bem clara quando salienta que os centros especializados de informação, para serem verdadeiramente eficientes, devem funcionar em estrito contato com cientistas e especialistas da área. As atividades do centro são parte intrínseca das atividades da ciência e da tecnologia. Os centros não somente recuperam e disseminam informações mas criam novas informações. . . . Em resumo, os especialistas em informação científica, capazes de coletar dados relevantes, fazer a revisão de literatura de um assunto e apresentar informações já destiladas de modo a atingir o âmago de um problema técnico, fornecem muito mais ajuda ao cientista do que a mera pilha de documentos relevantes. Tal especialista, que assim oferece sua própria contribuição à ciência, é a espinha dorsal do centro de informação e faz dele uma instituição técnica mais do que uma biblioteca técnica (5).

E. L. Brady (8) também define com clareza as funções desse tipo de centro, dizendo que centro de análise da informação é uma unidade organizacional formalmente estruturada com o objetivo de adquirir, selecionar, armazenar, recuperar, avaliar, analisar e sintetizar um corpo de informações, dentro de uma área bem definida, e apresentar novas informações abalizadas, oportunas e úteis à sociedade a qual se dirige.

Os bancos de dados, embora em muitos aspectos semelhantes aos centros de análise da informação, caracterizam-se por lidar exclusivamente com dados, não fazem estudos do tipo «state-of-the-art» nem apresentam relatórios avaliativos e críticos. São, na sua maioria, implantados menos como fonte auxiliar ao desenvolvimento de projetos de pesquisa e mais como suporte a decisões admi-

nistrativas. Atualmente começam a ser criados no Brasil, sobretudo com este objetivo.

Os centros ou serviços de disseminação da informação, algumas vezes considerados como «fontes terciárias de informação», são instituições comerciais que vendem serviços de notificação corrente, disseminação seletiva da informação, pesquisas bibliográficas retrospectivas, extraídos dos bancos de dados computadorizados, gerados a partir da produção de periódicos de índices e resumos, que são as «fontes secundárias».

Esses centros se diferenciam dos outros porque seus serviços não são elaborados em função de atender às necessidades de um grupo específico de usuários pertencentes a uma organização, e portanto não se preocupam em levantar todas as informações relevantes dentro de um assunto. Vendem os dados existentes dentro daqueles bancos de dados, a qualquer interessado no assunto. Este tipo de serviço ainda não existe no Brasil, embora algumas instituições brasileiras utilizem os serviços de centros do exterior.

Clearinghouses (para cujo termo encontramos a tradução de centro disseminador de informação e de centro depositório de documentos: duas idéias bem opostas) assim como os centros referenciais (referral center) também não substituem os sistemas de informação específicos de cada instituição, apenas complementam suas atividades de acesso à informação. Uma «clearinghouse» coleta, processa, distribui e dissemina documentos (e eventualmente informações) de um determinado tipo ou sobre um assunto. Atua como elemento centralizador e coordenador de informações em determinada área. Por exemplo, a National Clearinghouse for Mental Health Information que coleta, reproduz e dissemina relatórios de pesquisa na área.

Os centros referenciais também atuam como elemento de ligação. Concentram suas atividades nos serviços do tipo pergunta-resposta, em áreas específicas.

2.3. **Comparação entre Bibliotecas Especializadas, Centros de Documentação e Centros de Análise da Informação.**

O termo «biblioteca especializada» ainda é o mais usado no Brasil. «Centros de documentação» apareceu sobretudo na década de 60, quase sempre para designar uma instituição que executava os mesmos serviços de uma biblioteca. Não temos notícia de nenhum «centro de análise da informação» já em funcionamento com as características apresentadas na literatura especializada.

É, todavia, expressão que já aparece na literatura nacional tendo sido incluído em cursos para a preparação de profissionais da área, numa antecipação às exigências do mercado de trabalho.

Um estudo comparativo desses três tipos de sistemas de informação deveria observar as características do quadro anexo, das quais apenas tentamos apresentar um esboço de diferenciação, baseado mais na literatura do que na análise da situação real do Brasil ou de uma região brasileira.

Os resultados desta comparação são passíveis de muitas discussões, uma vez que nada impede a um sistema desenvolver-se ao mais alto nível e apresentar os serviços mais sofisticados, seja lá qual for o seu nome.

Se uma biblioteca especializada julgar conveniente e puder contar com métodos automáticos de armazenagem e recuperação da informação, se incluir no seu quadro de pessoal especialistas no assunto, se apresentar ao usuário não só documentos relevantes mas também informações já analisadas, ótimo. Ela será um centro de análise da informação. Entretanto, temos que reconhecer que este ideal ainda está longe de ser concretizado.

ESTUDO COMPARATIVO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO

CARACTERÍSTICAS	BIBLIOTECAS ESPECIALIZADAS	CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO	CENTROS DE ANÁLISE DE INFORMAÇÃO
1. USUÁRIO	NECESSIDADES + gerais	NECESSIDADES + gerais	NECESSIDADES BEM ESPECÍFICAS
2. RECURSOS HUMANOS — BIBLIOTECÁRIOS — ESPECIALISTA NO ASSUNTO — ESPECIALISTA EM COMPUTAÇÃO	PERMANENTE ASSESSORIA EVENTUAL ASSESSORIA EVENTUAL	PERMANENTE ASSESSORIA EVENTUAL ASSESSORIA EVENTUAL	ASSESSORIA OU PERMANENTE PERMANENTE PERMANENTE
3. COLEÇÃO — LIVROS — REVISTAS — MATERIAL ESPECIAL — DADOS/INFORMAÇÃO	PRINCIPAL PRINCIPAL SECUNDÁRIO RARO	SECUNDÁRIO PRINCIPAL PRINCIPAL RARO	RARO RARO RARO PRINCIPAL
4. SELEÇÃO/AQUISIÇÃO	SELETIVA NA ÁREA	SELETIVA NA ÁREA	SELETIVA EM UM TÓPICO DA ÁREA
5. PROCESSAMENTO TÉCNICO/OPERAÇÕES — CATALOGAÇÃO — CLASSIFICAÇÃO — INDEXAÇÃO/RESUMO	EXECUTADA SEMPRE EXECUTADA SEMPRE EXECUTADA ALGUMAS VEZES	EXECUTADA ALGUMAS VEZES EXECUTADA SEMPRE EXECUTADA SEMPRE	RARO RARO EXECUTADO SEMPRE
6. ARMAZENAGEM	DOCUMENTO ORIGINAL	DOCUMENTO ORIGINAL	DOCUMENTO ORIGINAL E DOCUMENTO CODIFICADO
7. RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO	MANUAIS E/OU AUTOMÁTICOS	MANUAIS E/OU AUTOMÁTICOS	AUTOMÁTICOS
8. SERVIÇOS — EMPRÉSTIMO — CIRCULAÇÃO DE DOCUMENTOS — PESQUISA RETROSPECTIVA — RESPOSTA A QUESTÕES ESPECÍFICAS — SERVIÇO DE TRADUÇÃO — SERVIÇO REPRODUÇÃO — SERVIÇO DISSEMINAÇÃO SELETIVA INFORMAÇÃO — SERVIÇO NOTIFICAÇÃO CORRENTE — SERVIÇO ANÁLISE AVALIAÇÃO INFORMAÇÃO — COMPILAÇÃO DE NOVAS INFORMAÇÕES	ATIVIDADE COMUM ATIVIDADE COMUM ATIVIDADE COMUM EXECUTADA ALGUMAS VEZES RARA ATIVIDADE COMUM EXECUTADA ALGUMAS VEZES ATIVIDADE COMUM NÃO É EXECUTADO NÃO É EXECUTADA	ATIVIDADE COMUM ATIVIDADE COMUM ATIVIDADE COMUM ATIVIDADE COMUM RARA ATIVIDADE COMUM ATIVIDADE COMUM ATIVIDADE COMUM RARA RARA	RARA NÃO É EXECUTADA RARA ATIVIDADE COMUM RARA RARA ATIVIDADE COMUM RARA ATIVIDADE COMUM ATIVIDADE COMUM
9. PRODUTOS — BIBLIOGRAFIAS — BOLETIM NOTIFICAÇÃO CORRENTE — PERIÓDICOS/ÍNDICES/RESUMO — REVISÃO DA LITERATURA — ESTUDO ATUAL DA LITERATURA — RELATÓRIOS CRÍTICOS E AVALIATIVOS	COMUM COMUM RARO NÃO É PRODUZIDO NÃO É PRODUZIDO NÃO É PRODUZIDO	COMUM COMUM COMUM RARO NÃO É PRODUZIDO NÃO É PRODUZIDO	RARO RARO RARO PRODUÇÃO COMUM PRODUÇÃO COMUM PRODUÇÃO COMUM

Podemos deduzir da análise feita que:

- * a diferença entre biblioteca especializada e centro de documentação é pequena. Na verdade quase que se pode dizer que é mais uma questão de terminologia mais atraente ao usuário. Embora hoje raras sejam as bibliotecas que se limitam às funções tradicionais, tornou-se mais fácil criar um novo termo do que mudar a imagem do antigo;
- * os centros de análise da informação apresentam características bem distintas sobretudo quanto:
 - à atitude do seu usuário: a expectativa de clientela do centro de análise da informação é maior do que a da clientela de uma biblioteca. Ela sabe que pode solicitar um serviço mais complexo, e confia no seu resultado porque lida com um especialista da mesma área, com atitude e ponto de vista semelhante ao seu;
 - aos recursos humanos de que dispõe, formados prioritariamente por especialistas no assunto. Embora quase todos os centros contem também com o trabalho do bibliotecário, este se encarrega apenas das tarefas técnicas de tratamento da informação;
 - aos métodos de recuperação da informação: embora muitos considerem que o emprego do computador nesses centros seja a sua principal característica, o uso de tecnologia sofisticada é apenas conseqüência de sua função específica, que exige a manipulação de grande número de dados e informações;
 - aos produtos e serviços que oferece e que estão em nível mais alto do que aqueles apresentados pelas bibliotecas especializadas, pois exigem a função de avaliar e analisar a informação.

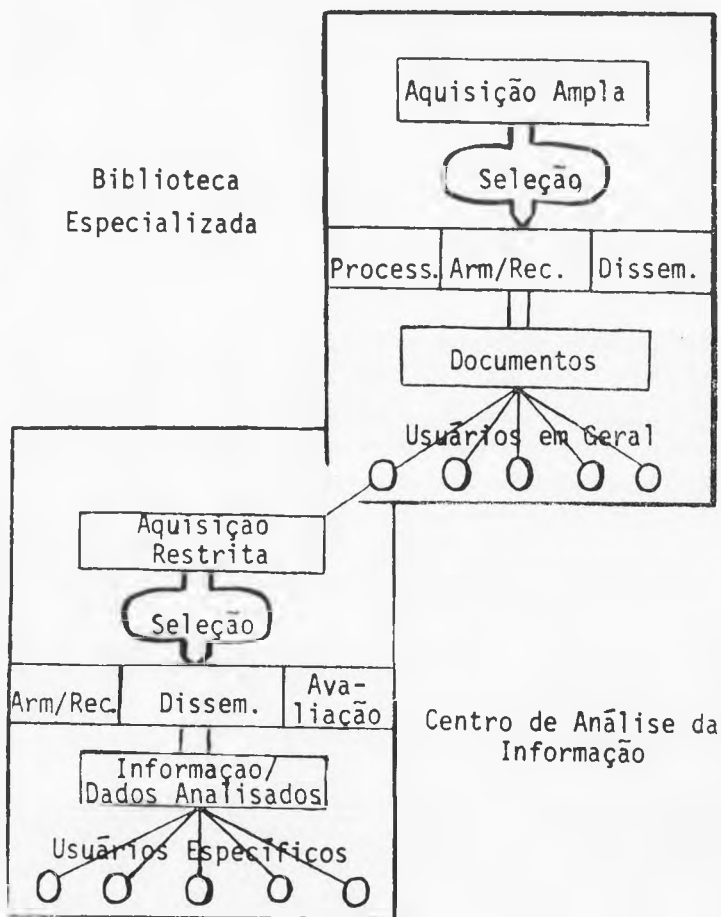
2.4. A biblioteca especializada como suporte do centro de análise da informação

Hoje nenhum sistema de informação subsiste isoladamente, pois é impossível formar um acervo em qualquer área capaz de atender a todas as necessidades de informação. Mesmo considerando que em cada campo da ciência e da tecnologia há um núcleo de documentos relevantes, estes campos são tão interrelacionados que nenhum especialista pode restringir seu interesse a uma área muito específica nem um sistema de informação pode limitar o seu acervo.

Em face ao aparecimento dos centros de análise da informação e não tendo, no momento, condições de abarcar as atividades que lhe são características, as bibliotecas especializadas passaram a exercer a função de suporte físico dos centros.

Este tipo de relação é muito comum em grandes instituições de pesquisa que criam um sistema de informação composto de uma biblioteca e de um ou vários centros de informação que se dedicam a áreas mais específicas. Por exemplo, o Batelle Memorial Institute (Columbus, Ohio) conta com uma das maiores bibliotecas especializadas dos Estados Unidos, cobrindo várias áreas como química, física, engenharia, tecnologia de alimentos, biologia, etc. e mantém cerca de treze centros de análise da informação em assuntos como cobre, cobalto, efeitos da radiação, etc.

Essa relação traz vantagens para biblioteca e para o centro, e sobretudo para o usuário. A coleção é mantida pela biblioteca que se encarrega da seleção, processamento, armazenagem, recuperação e disseminação da informação. Cabe ao centro a parte da análise dos tópicos específicos solicitados pelos usuários.



3. CONCLUSÕES

— As bibliotecas, como sistemas de informação abertos, deveriam estar atentas às alterações no ambiente e se adaptar às novas exigências da sociedade. Como tal não ocorreu, o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, a complexidade da informação e as prementes neces-

sidades dos usuários exigiram a criação de novas instituições que oferecessem os serviços que as bibliotecas não mais estavam em condições de executar.

— A terminologia nova, que proliferou confusamente, não pode ser explicada apenas como um «modismo» ou como «a coqueluche dos novos rótulos» que facilitam a venda de um produto antigo. Ela reflete mudanças nos objetivos e nas características dos sistemas de informação.

— A compreensão desse fenômeno tem levado os bibliotecários norte-americanos e europeus a introduzir modificações na sua formação profissional, sendo a principal delas a dupla qualificação, aliando o domínio da técnica de recuperação da informação ao conhecimento de uma área específica de assunto.

— No Brasil, profissionais que lidam com a informação especializada, bibliotecários ou não, estranhamente têm importado esta terminologia sem se preocupar com as alterações ocorridas por detrás dela, exceto quanto aos aspectos técnicos. Observa-se então o fenômeno de se usar nomes que indicam tipos de serviços mais ambiciosos do que os que na realidade são oferecidos.

— Os sistemas de informação que mais têm se preocupado em dinamizar suas funções, mormente aqueles ligados a empresas privadas e órgãos de pesquisa, são os principais adeptos da nova terminologia e estão incluindo em seu quadro de pessoal especialistas do assunto. Embora estes profissionais raramente executem a função de análise e avaliação da informação, a eles, quase sempre, cabe a função de direção dos centros. Como justificativa, argumenta-se que o especialista apresenta uma visão mais ampla do que o bibliotecário e está em melhor condição de dialogar com a administração superior da instituição e com o usuário.

— Até mesmo a simples tarefa de análise de assunto representada pela indexação e resumo, em algumas

instituições, tem passado das mãos do bibliotecário para a do especialista, sob a alegação de que este está mais capacitado do que o primeiro. E é de nos fazer pensar o fato de que, muitas vezes, é o próprio bibliotecário quem abre mão de uma tarefa que é considerada mais intelectual.

— Os responsáveis pelos cursos de biblioteconomia, bem como os próprios bibliotecários, estão mais preocupados com a aquisição de novas técnicas, do que uma formação mais aprofundada numa área científica ou técnica. Esta formação, quando ocorre, é fruto do auto-didatismo. Infelizmente não estamos vivendo na «sociedade sem escolas» de Illich, e portanto não podemos apontar este caminho como o melhor.

— É urgente uma alteração nos programas de ensino de biblioteconomia, de modo a incutir no bibliotecário uma nova visão profissional, um maior entendimento do processo de transferência da informação como um processo social, parte integrante do desenvolvimento científico e tecnológico e, como tal, uma decorrência dele, uma mudança de mentalidade e não apenas abarrotá-lo de detalhes técnicos muitas vezes ultrapassados ou distanciarlos do contexto sócio-cultural do país.

— É urgente também um estudo das necessidades de informação da comunidade científica e técnica, suas expectativas em relação aos sistemas de informação, e verificar a adequação existente entre a formação profissional do bibliotecário, o seu desempenho no exercício da profissão e as exigências dos usuários.

Basic characteristics of information systems. The evolution of the adopted terminology to represent the various information systems. Comparison among special library, documentation center and information analysis center. A new vision of information systems and its implication to the library profession in Brasil.

BIBLIOGRAFIA

1. BOTELHO, T.M.G. A documentação como sistema. *Rev. Bibliot. Brasília*, 2(1):57-70, jan/jun. 1974.
2. ————. Tecnologia básica para implementação de um sistema disseminador de informação técnico-científica. *Rev. Bibliot. Brasília*, 3(1):131-44, jul/dez. 1976.
3. COOVER, R.W. User needs and their effect on information center administration. *Special Libraries*, 60 (7):446-56, 1969
4. CUNHA, M. B. Necessidades atuais de bibliotecários no Brasil. *Rev. Bibliot. Brasília*, 2(1):15-24, jan/jun. 1974.
5. DARBY R. L. Information Analysis Center as a source for information and data *Special Libraries*, 59(2):91-7, Feb. 1968.
6. EYRE, J. J. Características de um serviço de informação para a indústria *R. Esc. Bibliot. UFMG*, 2(2):176-95, set. 1973.
7. FOSKETT, D. J. *Serviço de informação em bibliotecas*. São Paulo, Polígono, 1969.
8. GARVIN, D. The Information Analysis Center and the library. *Special Libraries*, 62(1):17-22, Jan. 1971.
9. HARVARD-WILLIAMS, P. S. E. O : A Biblioteconomia no Brasil. *Rev. Bibliot. Brasília*, 2(1):15-24, jan./jun. 1974.
10. HARVEY, J. M. *Specialized information centres* London, Clive Bingley, 1976
11. *INFORMATION Centres and Special Libraries. Special Libraries*, 57(1), Jan. 1966.
12. JACKSON, E. B. Toward information centers. *Special libraries*, 62(5/6):238-41, May/Jun. 1971.
13. KENT, A. *Specialized information centers*. Washington, Spartan Books, 1965
14. KLEMPNER, J. Information centers and continuing education for librarianship *Special Libraries*, 59(9):729-32, Nov. 1968.

- 15 MURDOCK, J. W. & BRONPHY Jr., C. A comparison of the functions of libraries and information center. **Library Trends**, 14(3):347-52, Jan. 1966.
- 16 REES, A. M. Librarians and information centers. **College and Research Libraries**, 25:200-4, May, 1964.
- 17 STRAUSS, L. STRIEBY, I. & BROWN, A. **Scientific and technical libraries**. New York, Interscience Publ. 1964.
- 18 WEISMAN, H. M. **Information systems, services and centers**. New York, Becker & Hayers, 1972.